

MUSEU DA PESSOA

História

O alvo da cidade

História de: [Joelma](#)

Autor: **Museu da Pessoa**

Publicado em: 07/11/2013

Sinopse

Joelma nasceu em uma cidade do interior do Nordeste. Iniciou a sua vida profissional aos onze anos de idade, quando queria ser independente. Trabalhou como babá, ajudante de cabeleireiro, em casa de família e também como vendedora em loja de roupa, não precisando mais pedir dinheiro aos pais. Um aliciador de menores a convenceu de que ela era muito bonita e poderia fazer muito dinheiro na capital, onde ela passou a fazer 'coisas erradas' e chegou a ganhar dois mil reais em apenas três dias. Durante uma madrugada em que visitava os seus pais - que acreditavam que ela era modelo - surpreendeu-se com a visita da Polícia Federal durante a Operação Arcanjo, que investigou e prendeu diversos aliciadores de menores. Sentiu muita vergonha pelo que as pessoas passaram a falar na sua cidade natal, mas com o apoio da mãe e do projeto ViraVida, reconstruiu sua autoestima e voltou à capital para estudar.

Tags

- [curso técnico](#)
- [dinheiro](#)
- [SESI](#)
- [projeto VIRAVIDA](#)
- [violência sexual](#)
- [exploração sexual](#)
- [investigação policial](#)
- [mudança de vida](#)
- [prostituição](#)
- [autoestima](#)
- [trabalho infantil](#)
- [prostituição infantil](#)
- [superação](#)
- [mulher](#)
- [trabalho](#)
- [Polícia Federal](#)
- [aliciação de menores](#)
- [Operação Arcanjo](#)

História completa

Meus pais são agricultores, mas também conseguem trabalho fora da roça, minha mãe de cozinheira e o meu pai como vendedor de peixes. Nós somos nove filhos, eu sou a mais nova. Meu pai foi casado com outras mulheres, então os filhos dele não moravam lá em casa. Minha mãe também teve um primeiro casamento em que teve quatro filhos, desses só um morava comigo. Na minha casa morávamos eu e um irmão, filho do outro casamento da minha mãe.

Meu pai era namorador, então sempre teve muito atrito em casa. Quando minha mãe estava grávida de mim ele tinha outra mulher, que ele levava pra nossa casa. Teve muitas confusões, porque minha mãe tinha que comprar as coisas pra se virar, tinha que trabalhar e batalhar mesmo. Meu pai sempre achou que se tivesse comida dentro de casa era suficiente. Ele nunca ligou pra parte material da vida, roupas e essas coisas. No máximo era uma roupa ou outra coisa uma vez no ano. Por ter quatro filhos, minha mãe não ajudava muito financeiramente. Ela ganhava de cem a 150 reais por mês e não dava para sustentar quatro filhos com isso.

Quando a gente é pequena, a gente vê que as pessoas têm as coisas e não sabe por que a gente não tem. A gente aceita isso e pronto. Quando a gente chega aos onze anos e começa a adolescência, a gente começa a querer ser independente. Vê as amigas comprando as coisas, tendo isso, tendo aquilo, aí não dá mais pra se conformar e aceitar a situação. A gente passa a querer também comprar as coisas.

Por querer ter dinheiro e não depender dos meus pais, eu comecei a trabalhar ajudando a minha mãe em casa, depois fui ajudar no trabalho, fora de casa. Depois, passei a trabalhar por minha conta. Trabalhei de babá, ajudante de cabeleireiro, em casa de família e de vendedora em loja de roupa.

Depois que eu passei a trabalhar por minha conta eu não pedia mais dinheiro para minha mãe, eu comprava minhas coisas e tinha meu dinheiro. Sempre que saía de um emprego, arranjava outro. Eu pagava as minhas contas e comprava roupa, comprava sapato, comprava as minhas coisas. O xampu do jeito que eu queria, meu sabonete do jeito que eu queria, o meu creme dental... Eu comprava as coisas que eu sempre tive vontade de comprar.

Quando saí da loja de roupa eu fiquei com algumas dívidas. Eu já tinha dezesseis anos, uma pessoa me propôs sair do interior e fazer coisas que eu não gostaria de falar o nome na capital. “Você é muito bonita, vai se dar bem, ganhar muito e tal.” Essa pessoa enfeitiçou minha cabeça, ela dizia: “Olha, tem meninas que compraram carro, apartamento...” Eu ganhava cem reais por mês; lá eu ia ganhar duzentos, 250 por dia ou em uma hora. Ia dar para eu fazer muita coisa. Eu deixei a minha família no interior e vim morar na capital.

Foi pelas mãos desse aliciador, que era da minha cidade, que eu cheguei na capital. Cheguei ainda menor de idade e comecei a fazer coisas erradas sem os meus pais saberem, coisas que eu não deveria fazer. Antes eu desfilava lá na minha cidade e, às vezes, fazia alguns trabalhos de modelo. Eu falei para os meus pais que eu vinha ser modelo e desfilava para uma agência. Foi aí que começou tudo de ruim que poderia acontecer na minha vida.

O meu sonho de criança sempre foi vir pra capital estudar. Eu via muitas pessoas vindo. Então, eu tinha esse sonho de vir pra cá estudar no melhor colégio, fazer uma boa faculdade. Era esse meu sonho.

Eu fui para uma casa onde nós pagávamos uma taxa por semana pra ficar. Acho que duzentos reais por semana. Eu ficava nessa casa, dormia e comia lá. Éramos eu e muitas meninas, só que eu era a única menor. Só quem sabia era o dono da casa, porque as outras meninas não podiam saber. Esse meio é muito falso e elas, com medo da concorrência, detonam você. Eu tinha um documento falso, então eu falava que era maior de idade.

A primeira vez que eu fui fazer o ato sexual por dinheiro nessa casa eu fiquei meio assim, mas logo depois eu achei uma relação normal. Eu pensava: “Se eu me deitava com meu ex-namorado, eu posso me deitar com esse homem também.” Eu achava normal — não achava estranho — e fazia. Lógico que tem aqueles velhos asquerosos... A maioria das pessoas acha que os clientes são todos velhos, mas não. Tem muito boyzinho, muitas pessoas da sociedade mesmo, homens jovens, jovens bonitos. Os velhos eram mais os estrangeiros e de outros estados.

Como eu era novidade e eu era a única ninfetinha, a única menininha da casa, teve semana que eu fiz dois mil reais. Em três dias eu fazia dois mil reais, mas é um dinheiro que você não vê. Você vê na sua mão, mas ele voa. A gente ia para o shopping: “Eu tô com dinheiro, vou comprar.” Entrava numa loja e comprava roupas. Não estava nem aí porque é um dinheiro que vem fácil, então você não tem pena de gastar. Hoje, eu não tenho nada desses bens materiais. Não tenho algo que eu possa dizer: “Esse bem foi conseguido através desse dinheiro.” Muitas meninas entram nessa vida por ter tido filhos e guardavam mais dinheiro porque pensavam no futuro. Algumas pagavam faculdade com esse dinheiro. O meu desejo era gastar, mesmo: comprar, sair e fazer o que eu quisesse com meu dinheiro.

Eu passei muitas situações de risco. Uma delas foi quando eu fui para outra cidade com documento falso, arriscando ser presa. Fui iludida de que ganharia muito dinheiro, mas acabei ficando confinada numa casa. Quando consegui fugir dessa casa voltei para a minha cidade, mas lá a coisa ficou pior porque eu acabei me envolvendo com o cara que havia me agenciado e me levado pra capital.

Quando eu entrei nessa história com ele, já tinha nove meses que a Polícia Federal estava atrás dele e de outras pessoas da minha cidade. A polícia o enquadraram como chefe de quadrilha de tráfico de menores. Como o celular dele foi grampeado eu acabei sendo envolvida, porque nesse período, mesmo morando na casa da minha mãe, ele arrumava clientes que ligavam pra mim.

Um dia meu pai tinha saído durante a madrugada, porque ele vendia peixe e tinha que levantar para o trabalho muito cedo. Acho que eram umas três e pouco da manhã. Os policiais federais bateram na minha porta. Minha mãe acordou e eles perguntaram se era a casa da Joelma. Minha mãe já ficou assustada, o carro da federal estava na minha porta! Ela já começou a achar que era drogada. O policial disse: “Nós vamos ter que entrar pra fazer uma revista e sua filha vai ter que ir com a gente para dar um depoimento pra juíza.” Eram três policiais da federal, a juíza, a assistente social e um cara filmando porque, se eles achassem alguma coisa, ninguém podia dizer que foram eles que colocaram.

Eles entraram e minha mãe me acordou louca, desesperada: “Minha filha, pelo amor de Deus, tem uns policiais aí!” Eu: “Polícia?” Eu nunca na minha vida ia imaginar! Eu tive um namorado que eu sabia que ele vendia droga, cocaína. Eu imaginei que ele teria sido preso e por ter tido contato com ele a polícia foi lá em casa pra saber se eu guardava alguma coisa para ele. Eu imaginei isso.

Quando eu me levantei eles já estavam dentro de casa. Ele disse: “Eu sou inspetor da Polícia Federal, viemos aqui para fazer uma revista na sua casa.” A Polícia Federal não vai à casa de ninguém errado. Se eles vão é porque sabem de alguma coisa. Um policial perguntou onde estavam as minhas coisas, eu disse: “Minhas coisas são guardadas nesse quarto.” Minha mãe louca, e ele: “Calma senhora, sua filha não vai ser presa. Nós vamos levá-la porque ela tem que dar um depoimento pra juíza e a senhora vai ter que acompanhá-la por ela ser menor. Mas não se preocupe que nem você e nem sua filha vão ficar presas.” Eu: “Calma, mãe, eu não vou ser presa!” Ela: “Minha filha, por quê esses homens estão aqui?” Eu disse: “Eu não sei, mãe.” A juíza perguntou: “Joelma, você paga suas contas com o quê?” Eu até brinquei e disse: “Com dinheiro.” A juíza disse: “Lógico que a gente paga as contas com dinheiro, mas de onde você tira esse dinheiro?”

Não teve jeito, eles reviraram tudo. Eu fui com eles, a assistente social foi quem conversou comigo primeiro e disse: “Olha, a casa caiu. Nós já sabemos de tudo.” “De tudo o quê?” Eu neguei até não querer mais. Ela falou: “Você vai continuar negando? Nós temos provas aqui.” Teve uma hora que eu não me aguentei mais e falei. Ela me ofereceu a participação no projeto ViraVida: “Você vai ter que morar na capital e vai fazer esse curso na área de construção civil.” Era o que eu sempre tive vontade. Era o meu sonho!

Só depois eu fiquei sabendo que a operação da polícia era chamada de Operação Arcajo. Foram mais de não sei quantas meninas chamadas para depor e que foram levadas como vítimas. Os três aliciadores, já estavam presos.

Quando voltei pra casa eu achei que não ia superar o drama que passei e que ia entrar em depressão, porque foi horrível. Não porque a polícia esteve em casa, mas pelos vizinhos, pelas pessoas. Eu sempre trabalhei e sempre andava com pessoas da sociedade na cidade, então ninguém nunca imaginou. Todo mundo sabia que as outras meninas que foram levadas se prostituíam. Algumas pessoas desconfiavam que eu também fazia o mesmo, só que nunca tiveram certeza. Todo mundo teve certeza, eu fui o alvo da cidade. Todo mundo falava e me julgava, como até hoje algumas pessoas me julgam. Todo mundo falava mal de mim.

Quando cheguei em casa, entrei para o quarto e fiquei. Eu passei um mês sem sair de dentro de casa, nem na calçada eu ia. Eu só me sentia bem quando não tinha ninguém em casa, porque se meu pai ou minha mãe estivessem eu sentia vergonha. Se eu tivesse só recebido uma intimação para comparecer na delegacia, mas a vergonha da polícia ter ido em casa foi demais. Eles deixaram minha casa de pernas para o ar, reviraram tudo. Era a vergonha de meus pais terem descoberto e a vergonha de tudo.

Antes de acontecer aquilo algumas pessoas vinham me perguntar sobre o meu trabalho de modelo. Diziam: “É mentira. Cadê as fotos que você faz como modelo?” Eu, sempre enganando, inventava que havia perdido o álbum para ver se ninguém desconfiava, mas sempre desconfiavam. “Agora todos sabem a verdade!”

Quando fui chamada para o projeto Vira Vida foi o começo de tudo de bom na minha vida. Eu vim novamente para a capital, só que agora para realizar um sonho que começou na infância. Para isso eu tive que passar por muitos problemas que agora eu procuro esquecer. Eu comecei a pegar no pesado, tinha que pegar o ônibus muito cedo todos dias. Quando saía do curso ia direto para o colégio e chegava em casa onze horas da noite.

O curso de assistente de obras, que eu fiz, foi criado para inserir as mulheres no mercado de trabalho na área da construção civil. Nesse curso nós vimos tudo: hidráulica, elétrica, alvenaria, noções de desenhos técnicos. Eu hoje faço estágio numa empresa de construção, auxilio a técnica de edificações, o engenheiro e qualquer pessoa que me pedir ajuda na obra. Estou lá para ajudar.

Hoje, com os quatrocentos reais que ganho tenho coisas que antes não tinha. Eu tenho o meu notebook; todo jovem tem vontade de ter um. Hoje eu digo: "Meu Deus, quatrocentos reais!" Se a pessoa quiser, dá. Atualmente eu moro num pensionato na capital onde tem só universitários, meninas que fazem faculdade, de família. Depois que eu vim morar aqui eu reconheci um valor que eu não sabia que existia dentro de mim. A relação em casa melhorou 100%, até com meu pai.

Eu me vejo uma pessoa valorizada e, daqui para a frente, eu só quero multiplicar esse valor. O meu foco é dar orgulho para os meus pais, porque um dia eu os envergonhei, mas também quero dar alegria. O ViraVida devolveu a minha autoestima. Meu sonho hoje é me formar para poder dar uma vida melhor para os meus pais e construir uma família boa, um bom relacionamento.

Nesta entrevista foram utilizados nomes fantasia para preservar a integridade da imagem dos entrevistados. A entrevista na íntegra bem como a identidade dos entrevistados tem veiculação restrita e qualquer uso deve respeitar a confidencialidade destas informações.

[PDF do Depoimento Completo](#)